

O sermão do Alvorada

ESTADO DE SÃO PAULO

Se tudo correu conforme o previsto, o presidente Fernando Henrique Cardoso amanhece hoje em Nova York, no papel que mais o agrada: posando para fotografia ao lado de 160 chefes de Estado e de governo de todo o mundo, reunidos para celebrar o 50º aniversário das Nações Unidas. O presidente-chanceler e sua esforçada assessoria conseguiram, de novo, montar uma agenda cheia de encontros com os bambambás do Planeta. FH terá 15 minutos com o presidente americano, Bill Clinton, o papo mais cobiçado da praça, e conversas que a diplomacia chama de bilaterais com Jacques Chirac, Boris Yeltsin e outros menos famosos.

Essas viagens ao primeiro mundo têm tido o condão de enérgizar o presidente sociólogo. Ele costuma voltar ao batente com mais gana para enfrentar o rame-rame do Planalto e mais charme para dobrar os aliados no Congresso. Barnabés e contribuintes devem, portanto, rezar por um retumbante sucesso de Sua Excelência em mais esse evento planetário. Talvez assim FH desembarque com disposição para corrigir a bagunça política em que ele transformou (não sem ajuda) a discussão da reforma administrativa.

A confusão na chamada base governista é tão grande que até um aparente acerto transformou-se numa tremenda trapalhada. O acerto ocorreu quando FH cobrou dos aliados fidelidade ao programa de reformas da campanha eleitoral. Todo mundo pegou carona na candidatura do pai do Real, mas ninguém prestou muita atenção ao que estava escrito no livrinho chamado *Mãos à Obra*. Ali estava o roteiro completo de um governo sem sustos e sobressaltos. Bastou Fernando Henrique lembrar-se do que havia escrito para o PFL tomar um susto e o PMDB (aliado de segunda hora) cair em sobressalto.

O presidente estava certo ao cobrar coerência e o fez na linguagem franca do poder. Usou expressões do tipo "eu tenho a caneta", "vamos ver quem é mais

forte" e "tenho a mão pesada". Os relatos que chegaram à imprensa de seu encontro com os líderes governistas na noite de terça-feira davam conta de uma conversa dura, mas que poderia ter sido presenciada por uma freira carmelita: nenhum palavra saiu da boca de Sua Excelência ou dos líderes, pelo menos na versão que eles se encarregaram de divulgar no dia seguinte.

Quando o sermão do Alvorada virou notícia, os líderes, primeiro, e o presidente, depois, negaram tudo o que haviam dito e espalhado aos quatro cantos. Desdizer em público o que disse em particular é uma prerrogativa de quem tem responsabilidades políticas, conceda-se. Nesse caso, no entanto, FH ficou menor que as palavras corretas ditas na-

quela noite. Seus líderes decaíram em consistência e credibilidade (e em alguns casos isso parecia impossível).

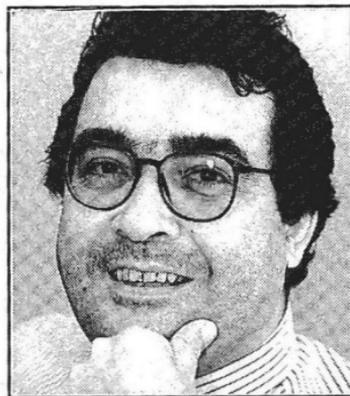
Nem assim conseguiram mudar a realidade. Os ofendidos do sermão, como os paraibanos do PMDB e o deputado Roberto Magalhães, do PFL pernambucano, sabem muito bem que foram espinhafrados no encontro — e não poderia ser de outra forma, se eles estão no governo e votam contra o Planalto. Esse é um problema que

se resolve no analista ou, como FH disse e desdisse, na caneta que nomeia e demite.

Saindo do mundinho político para a vida real, a meia-volta também não resolveu o problema do excesso de funcionários na folha de pagamentos e da falta de serviços à disposição do contribuinte.

No sermão do Alvorada, Fernando Henrique esconjurou o fantasma de José Sarney, que ronda o palácio arrastando os grilhões que PMDB e PFL impuseram a seu governo. Submeteu-se para conseguir uma prorrogação de um ano no mandato herdado de Tancredo Neves. Deu no que deu.

O Fernando Henrique do sermão do Alvorada tem um horizonte bem mais amplo à sua frente — o sucesso no governo e uma aposta na reeleição.



■ Ricardo Amaral é jornalista

O presidente estava certo ao cobrar coerência e o fez na linguagem franca do poder